

# Haiti – a recorrente ira de Spartacus

*Ailton Benedito de Sousa\**

*Aqui e ali, análises a aspectos da história desta nação confirmam constantes do desenvolvimento histórico em todas as ex-colônias do continente americano, mas neste caso com algumas instigantes exceções, que deveriam nos pedir atenção e aprofundamento. No Haiti, antes que apêndices de um projeto nacional alheio, povos negros africanos ex-escravos constroem a nação, a primeira formação social a se proclamar independente na América Latina. Como se viu, o povo do Haiti pagaria (e ainda paga) muito caro por isso.*

No processo de constituição da identidade haitiana, cumpre levantar o que tem havido de específico aí, no circuito de interações entre o Haiti e o mundo, entre o Haiti e seus vizinhos, como foi e tem sido aceita essa nação negra assumidamente constituída de ex-escravos, num ambiente em que a totalidade desses vizinhos com ela apresenta marcadas diferenças.

A começar pelas oposições que a nova nação introduz: a) abolição da escravidão negra num contexto em que a instituição vigerá alhures por até mais de um século; b) segmentação da sociedade a partir de critérios locais, específicos, polarizando a questão étnica em vários aspectos – negros e mulatos, além de negros e brancos; c) envolvimento das forças contrárias e favoráveis à escravidão e à independência num quadro de hostilidades que aglutinará potências colonizadoras rivais, quadro em que essas forças ora alinham-se com a

---

\* Professor e escritor, do Colégio Editorial de C&p.

França, ora com a Inglaterra, ora com a Espanha; d) precariedade dos acertos fixando a posse do território entre nações rivais; e) singularidade da língua de opção para a expressão nacional, o francês; e, por fim, f) símbolos da ancestralidade nacional maculados pelos atributos dominado-dominador, aqui a África derruída pela ação imperialista, acolá a Europa imperialista e imperial.

## **No começo, um ninho de piratas**

Base de corsários de várias nacionalidades, cujas presas são os barcos espanhóis no traslado da prata e do ouro americanos para a Europa, a colonização oficial francesa nessa ilha de São Domingos começa em 1697 em área de sua seção norte, o assentamento organizando-se, do ponto de vista econômico, a partir de grandes propriedades – *plantations*, segundo a sociologia de origem anglo-saxã –, vinculadas à produção do açúcar oriundo da cana e da força de trabalho de imensos contingentes de escravos africanos. Neste primeiro século de experiência colonial, estrutura-se aqui uma sociedade formada por fazendeiros franceses (econômica e politicamente dominantes), franceses pobres e *criollos* (estrangeiros de cor branca), negros livres, negros escravos e, à parte, os mulatos.

Em 1789 – ano em que se atea fogo ao estopim da grande Revolução, na esteira de acontecimentos como o 1776 e 1783, os quais marcam a independência dos EUA – a ilha de São Domingos, que em breve chamar-se-á Haiti em homenagem a seus habitantes pré-colombianos, responde por cerca de dois-terços do comércio exterior francês, conforme C. L. R. James<sup>1</sup>. Dos seus 500 mil escravos, mais de 170 mil teriam nascido na África, do que se conclui quanto à importância do tráfico de cativos para sua economia, a mobilizar capitais ingleses, franceses, alemães, em prejuízo, talvez, dos capitais espanhóis e portugueses.

---

<sup>1</sup> James, C. L. R., *Os jacobinos negros*, trad. Afonso Teixeira Filho, Boitempo Editorial, São Paulo, p.20.

Na década anterior a esse ano de 1789, muito se tinha intensificado na França e em todo o mundo a influência do que se convencionou chamar de '*le parti philosophique de la revolution*' – formado por escritores como Rousseau, Voltaire, Diderot. *Du contract social* era mais lido agora do que fora em 1762, ano de sua publicação. No âmbito da sociedade francesa politicamente mobilizada, há consenso majoritário quanto a uma ampla pauta de reivindicações. A começar pela reconstrução da nação. Um desliz, um ato falho bastava para que tudo começasse. Que o rei convocasse os nobres para discutir as dificuldades do reino. Isso feito, uma fieira de eventos levará a nação a uma série de embates, desde essa assembléia dos notáveis de 1787 até a convocação dos Estados Gerais em 89, com as Jornadas de Julho, a Queda da Bastilha, e a era do Grande Medo. Mantém-se um instável período monárquico de 1789 a 1792. O quadro poderia ter-se estabilizado numa monarquia constitucional, mas com a insurreição de 10 de agosto de 1792, instaura-se o período republicano da Revolução. A Constituição do ano III cria o Diretório que governará a França até o 18 Brumário de 1799 (18 de novembro), data do golpe-de-Estado de Napoleão, que põe ponto final à era eminentemente revolucionária.

Após a condenação do rei, 1792, na Europa ganha destaque um quadro de alianças dinásticas supranacionais, legitimadas pelo direito divino, mas execradas pelos povos, instaurando-se um contexto de desequilíbrios geopolíticos, que mobilizará diversas coligações contra o poder revolucionário francês, ao mesmo tempo que acenderá o entusiasmo libertário das massas oprimidas em todo o mundo.

Em 1793, enquanto a Assembléia Nacional em França proclama a abolição da escravidão e discute o *status* da nova unidade nacional federada, a Inglaterra junta-se à Espanha como força de ocupação de São Domingos. Com a medida está a se precatar quanto à repercussão e ampliação aqui, na sua região caribenha, do quadro de hostilidades já esboçado no continente europeu. Um exército de 60 mil homens invadirá a ilha.

### *Os doze anos da Revolução Haitiana de Toussaint L'Ouverture*

*No rastilho de 1789, ao organizar-se como um poder em luta através da Convenção e da Assembléia Nacional, a Revolução Francesa universaliza-se. A Declaração dos Direitos do Homem dá legitimidade à luta anti-escravocrata e anticolonial. As 'ex-colônias' são convidadas a participar deste novo e inédito Pacto, que a ação 'política' da Gironda e dos remanescentes do Ancien Régime tentarão sabotar. Aqui em São Domingos, a existência de uma notável liderança, Toussaint L'Ouverture, ex-escravo, oficial do exército espanhol e do francês (neste, oficialmente, depois que foi elevado ao cargo de governador da ilha) encaminhará os esforços de organização das massas em torno de um projeto nacional independente.*

*Por falta de reflexão sobre a personalidade deste homem frente os desafios de sua época, tende-se a subestimar seu valor. Aqui na parte francesa da ilha de São Domingos como entre as hostes de Spartacus, cumpre a uma liderança não apenas levar esses rebeldes a essa ou àquela vitória, mas levá-los a que como homens livres definam nova identidade, nova pertinência, nova personalidade, já que a escravidão destrói todos os valores da alma, empurra o homem ao nível das coisas vis.*

*Atentos ao que ocorria na França, os escravos dessa São Domingos se levantam, primeiro em bandos, depois de modo organizado em exércitos, unidos pela fé em seus deuses africanos e pelo sonho de **liberté**. Graças a essa fé, esses rebeldes se submeterão a rígida disciplina exigida como penhor à liberdade e a partir de 21 agosto de 1791, início do primeiro levante, sustentam luta desigual durante 12 anos, unidos como força decisiva num quadro de alianças instáveis entre os demais grupos protagonistas: aristocracia francesa interna e externa, crioulos, mulatos e negros livres.*

*Na região norte-ocidental da Ilha, onde tem origem a revolta, serão mobilizados milhares de combatentes que, com intermitências, conseguirão resistir e atacar tanto as forças locais, quanto as forças inglesas (60.000 homens) e as forças francesas de Napoleão (43.000), comandadas por seu cunhado, general Leclerc. A vitória final vem em 1803, no mesmo ano em que morre Toussaint L'Ouverture numa prisão nos Alpes. Essa vitória de 1803 leva à independência do Haiti em 1804, tornando-o assim o primeiro país da América Latina a postular-se livre.*

## Ex-escravos à testa do processo de formação nacional

Na história da humanidade, é a primeira revolução de escravos bem sucedida, fato que deveria ter importância extraordinária, principalmente agora, quando entram em voga justificativas do nível do senso comum que liberam do respeito à ética a ação política das nações mais fortes, isso equivalendo a dizer que, sobre uma África ou América Latina tecnologicamente atrasadas, é legítima qualquer ação das grandes potências, desde que amparadas nas leis de mercado.

Nesse sentido, a atual crise do país caribenho nos levanta uma primeira série de questões: “Que lições tirar da experiência bem sucedida ou mal-sucedida do Haiti independente? Em que sentido essa experiência nos afeta? Que nos reservam a nós, consumidores de bugigangas tecnológicas e fornecedores de matérias-primas, as inflexíveis e amorais leis de mercado? Será a pretendida Alca sua primeira manifestação ostensiva?

A segunda série de questões que o Haiti nos coloca diz respeito a metodologias em ciências sociais. Como analisar a experiência haitiana? Dedutivamente, a partir de proposições racistas, como mandam os cânones positivistas, procurando ‘descobrir/confirmar’, numa relação causa-efeito linearmente orientada, ‘a doença congênita’ do negro enquanto ‘raça’ e indivíduo, doença que os impossibilitaria de construir uma nação? Repulsiva quanto possa ser quando vista em toda sua nudez, essa metodologia aparece latente nesse tipo de texto midiático acrítico que, através de imagens de grande apelo, desinforma, na medida em que insere essa e a experiência histórica de outras nações africanas no universo patológico da pobreza criada pela era consumista: irracionalidade, feiúra, droga, barbárie, violência gratuita.

Ainda consoante esse enfoque acrítico, preconceituoso, a história do Haiti só deve adquirir sentido se analisada numa estrutura em que, dialética e/ou paradoxalmente, esse país seja ao mesmo tempo aceito e repellido pelas nações dominantes. Com esse *status* contraditório, estaria condenado a ser, na América, algo como os entrepostos

africanos da era dos descobrimentos: espaço para relações entre traficantes, operem estes com droga ou com seres humanos. Segundo esse esquema, esses países-entrepostos poderão e deverão ter tudo: 'realiza', 'corte', 'imperador', 'parlamento', mas sob um matiz ora prosaico e tragicômico, ora fúnebre. Com raras exceções, é o que se tem visto nestes cinco séculos.

## **Superando o senso comum**

Exigindo explicação que supere essa metodologia, tem-se a primeira proposição: ex-escravos negros 'plantam' uma nação negra nas vizinhanças de imensas nações escravocratas e racistas. Pode a afirmação ser contestada? "Como conviver com um país negro livre ali na esquina, se aqui dentro de casa mantemos o racismo e a escravidão? Como fazer aumentar as taxas de lucro do comércio de escravos, se a idéia da abolição 'pegar' como uma moda?" Dessa maneira, estamos quase a compreender a natureza do ódio que os governos dos EUA e do mundo capitalista devotam a Cuba. No campo mesmo da epistemologia, vê-se o porquê da nuvem de fumaça que há séculos cobre a questão metodológica em ciências sociais. Há inibição quanto à assunção do racismo. Podem essas conclusões ser contestadas? Está aberto o debate.

A terceira série de questões que o Haiti nos levanta diz respeito, de um modo geral, às revoluções de escravos. Aqui a luta apresenta várias raízes de justificação. Em primeiro lugar, a reconquista da humanidade por parte do escravo através da destruição, do massacre de tudo que negue essa humanidade: os instrumentos de trabalho, a classe dos proprietários, suas leis, as relações de trabalho, ou mais explicitamente, o objeto de trabalho e o trabalho em si. Em sua fúria de vingança, o escravo chega a ter ódio da beleza. Incorporando *Thanatos*, a Morte, o ex-escravo destrói tudo, seu opressor e a terra de sua opressão junto com tudo que nela haja de feio ou de belo. Com a alma em regozijo pela reconquista da liberdade, tende no primeiro momento a esperar como prêmio que lhe venham ser-

vir. Afinal, lutou, é livre, merece ser servido, o que até poderia vir-lhe confirmar a justeza das normas há pouco por ele derogadas. “Devo tornar-me senhor?” Mas ninguém vem lhe servir... Sem alternativa, cumpre trabalhar, mas cumpre antes redignificar o trabalho, consertar e construir instrumentos, estabelecer novas hierarquias, uma cadeia de proporcionalidades na distribuição dos sacrifícios e frutos desse trabalho dignificador. Neste momento, desfalece Spartacus em sua ira divina.

No caso do Haiti temos uma revolta de escravos no bojo de uma revolução nacional transcontinental, na França e aqui, cuja dinâmica pede que, à dominância de ex-escravos, essa *jacquerie* imediatamente se transforme numa revolução nacional, elevando a povo imensas hordas de homens atomizados, sem noção de pertinência definida, falando dezenas de línguas e dialetos, hordas que devem ser unidas a uma imensa fração de mestiços gerados numa ambígua união escravo-senhor, marcada pelo domínio absoluto de Eros, da carne, dos sentidos, tudo isso, nesse contexto de Europa católica, facilmente associado ao pecado, logo união não coberta pelo direito secular nem sagrado. Os frutos dessa união, os mulatos, no Haiti isolam-se a partir de inconfundíveis traços genéticos e culturais. Integralizando uma estrutura social caótica, justapõe-se no topo dessa instável e flácida pirâmide o ex-senhor branco, que agora quer-se legitimar pelo direito, no lugar onde sempre esteve pela força.

São alguns dos paradoxos da construção nacional nas sociedades nascidas da escravidão moderna. Dar sentido a esse caos, ordená-lo numa revolução, ou seja, algo que também passa pela dimensão racional, da vontade, eis a tarefa que coube a Toussaint L'Ouverture e tem cabido aos nossos irmãos do Haiti desde 1791, por cujos erros, acertos, alegrias e decepções, eles têm recebido a paga da nossa indiferença. Olhando-nos mais atentamente após rápida reflexão sobre o Haiti, podemos concluir que, de um modo ou de outro, o povo haitiano está um passo à frente de todos nós. Em função da nudez explícita de sua história, de sua revolução, esse povo pode ilustrar, por analogia, o batedor à frente de uma marcha rumo ao desconhe-

cido: é o primeiro a receber as cutiladas da má sorte, mas também é o primeiro a ver a nova aurora na linha do horizonte.

## O filho de Todos os Santos

Mais uma questão, entre as muitas que os dramas do Haiti nos colocam: A figura de Toussaint L'Ouverture ou Toussaint Bréda, segundo a pia batismal (se é que a teve), o condutor do povo haitiano à vitória e à independência, para muitos uma das maiores personalidades de seu tempo, um ente do ponto de vista moral muitas vezes superior a Napoleão, por acaso seu carrasco.

Em primeiro lugar, vem à baila sua comparação com Spartacus, o herói da Trácia, ex-gladiador dos circos romanos que ao fugir das arenas aí pelo ano 74 antes de Cristo, acorda o sonho da liberdade entre milhares de escravos, encaminhando-os em lutas renhidas para o sul da Itália, o calcanhar da Bota, um beco sem saída. Em 71 a C. é vencido, suas legiões destroçadas, crucificadas às dezenas de milhares nas estradas que do sul da Itália levam à Roma. Quase mil e novecentos anos depois, Toussaint L'Ouverture dá seqüência à luta de Spartacus e vence todas as batalhas da luta, indiscutivelmente vence, e forma uma nação, o que é bom para a humanidade, porque, à sua derrota, poder-se-á perguntar: "Que será da Justiça no dia em que não houver nenhum justo?"

Tendo por fonte principal, no que se refere a Toussaint Bréda, a obra de C. L. R. James, *Os jacobinos negros – Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos* (trad. de Afonso Teixeira Filho, Boitempo Editorial, São Paulo, 1ª. edição, 2000), cinzelemos rápido perfil do herói e da luta.

Como já sabemos, em 1791 tem início a luta. Dos 500 mil escravos dessa colônia francesa, imensos contingentes há muito viviam nas montanhas como os nossos quilombolas. Com o despertar da consciência por liberdade entre os cativos, haverá momentos em que esses quilombolas, aqui chamados *marrons*, serão a maioria da escravaria da ilha de São Domingos. Nesse período de revoltas, a

sociedade haitiana será marcada pelo pavor da descida constante dessas hordas em razias por saques, seqüestros, cobrança de tributos. Para esses rebeldes, o desafio será unir todos os grupos de montanheses, potencializando seus recursos guerreiros. Um dos que conseguem essa proeza é um ser excepcional, chamado Mackandal, retratado por Alejo Carpentier em *El reino de este mundo*. É líder carismático na dimensão religiosa do vudu. Julgava-se imortal, por isso nada temia. Numa de suas *razzias*, embebedou-se, foi preso e queimado vivo.

Aqui como lá, a escravidão ao mesmo tempo que acomoda e beneficia muita gente, provoca revolta e indignação em um número que sempre se quer maior. No âmbito das culturas cristãs, ela faz renascer o mistério da redenção, o messianismo. Conforme C.L.R. James, “entre os oponentes literários à escravidão havia um que nove anos antes da Queda da Bastilha clamava por uma revolta de escravos com a apaixonada convicção de que era certo que ela viria para libertar a África e os africanos um dia. Era um religioso, o padre Raynal, e ele pregou sua doutrina revolucionária na *História filosófica e política dos estabelecimentos e do comércio dos europeus nas Índias*. Era um livro famoso em sua época e foi parar nas mãos do escravo mais apto a fazer uso dele: Toussaint L’Ouverture” (p.37).

As palavras premonitórias do padre Raynal<sup>2</sup> devem ser transcritas: *“Se apenas o interesse pessoal predomina entre as nações e os seus senhores, é porque um outro poder existe. A natureza fala em sons mais fortes do que a filosofia ou do que o interesse pessoal. Já existem duas colônias estabelecidas de negros fugitivos onde a força e os tratados protegem-nas de serem tomadas. Esses relâmpagos anunciam o trovão. Um comandante corajoso é tudo de que precisam. Onde está esse grande homem que a natureza deve aos seus molestados, oprimidos e atormentados filhos? Onde está? Ele aparecerá, não duvidem. Ele apresentar-se-á erguendo o estandarte da liberdade. Esse venerável sinal reunirá em torno dele os companheiros do seu infortúnio.*

---

<sup>2</sup> Abade Raynal, no século Guillaume Thomas François, historiador francês e filósofo, nascido em 1713 e falecido em Paris, 1796. Crítico severo da visão de mundo dos povos ditos civilizados, seu pensamento teve profunda influência na gênese da Revolução Francesa.

*Mais impetuosos do que as torrentes, eles deixarão em todas as partes a marca indelével do seu justo ressentimento. Em todas as partes, as pessoas abençoarão o nome do herói que terá restabelecido os direitos da raça humana; em todas as partes, erguerão troféus em sua homenagem". (idem, pg.38).*

Segundo os registros históricos, o pai de Toussaint era chefe tribal na África. Nesse continente, fora feito cativo em luta; logo, chegou no Haiti na condição de adulto. O fazendeiro que o comprou reconheceu nele qualidades especiais. Concedeu-lhe tratamento diferenciado. Recebeu função na administração da fazenda, uma horta e alguns escravos que para ele trabalhavam. Casou-se regularmente, privilégio para um escravo, e constituiu família de oito filhos. Toussaint Bréda é o mais velho, e teria nascido no dia de Todos os Santos em 1843. Outra figura enigmática na vida de nosso herói é seu padrinho, Pierre Baptiste, que além do francês que usava com perfeição, sabia latim e geometria. Os rudimentos de leitura que Toussaint Bréda possa ter aprendido terão provindo desse padrinho Pierre.

Em 1792, Toussaint já tem quarenta anos de idade. É casado. É o administrador da fazenda. Uma série de traços de personalidade indicam tratar-se de pessoa que não se deve medir com a craveira comum. Para acompanharmos sua vinculação à revolta, voltemos àquela noite de tempestade, 21 de agosto de 1791, quando sob a proteção de uma clareira no alto das montanhas do norte, um líder carismático de nome Boukman, protótipo do Mackandal, de Alejo Carpentier, dirige a cerimônia religiosa com que dá início à grande revolta. Numa primeira série de operações que durará um mês, os escravos destroem tudo. Como labaredas sobre a palha seca, as palavras de ordem "morte aos brancos" ganham as planícies. Chegara o momento há muito esperado. Nas fazendas, as senzalas sabem o que fazer. Em poucas semanas de luta os insurgentes chegam a mobilizar mais de cem mil combatentes. O povo negro procurará se exceder ao branco quanto à selvageria. Não ficarão para trás em nada. Mulheres e crianças passam a ser troféus de guerra. Os homens são de preferência queimados vivos, em fogo brando. Mas costumavam poupar padres e médicos.

É nesse período inicial, 1792, que Toussaint Bréda liga-se à revolta. Passará a se assinar *L'Ouverture* logo a seguir (1793), em razão de uma referência, a propósito de seus dotes táticos, feita pelo governador francês da ilha: "Esse homem acha abertura para todos os lados". Quando chega aos acampamentos, encontra as hordas rebeldes reunidas em torno de três lideranças: Jean François, Biassou e Jeannot. Este é apresentado por C.L.R. James como "um monstro sanguinário, que costumava beber o sangue dos brancos que matava". Em função de seus conhecimentos sobre ervas, Toussaint será aceito como médico, vinculado aos contingentes sob o comendo de Biassou.

Nas diversas regiões político-administrativas ou econômicas de São Domingos, a luta adquirirá contornos específicos. De modo bem geral, no norte, onde ela começa, os negros escravos constituem o núcleo, articulando-se contra brancos e mulatos. Na região ocidental, os brancos e mulatos têm domínio sobre o escravo revoltado. No sul, brancos e mulatos formam pacto contra os escravos negros. Jaz aí a raiz de muitas das dissensões que marcam esse povo.

Nos primeiros meses de 1792 terminada, aqui no norte, a fase de destruição do opressor, de incêndio às fazendas, de destruição dos instrumentos de trabalho, chega-se à hora da verdade. Cumpre alimentar uma imensa massa humana numa região totalmente devastada. É de se imaginar o peso de sentimentos contraditórios nos ombros e na cabeça de cada um, fosse homem, fosse mulher, liderança ou liderado. "Que fazer de nossa liberdade?" Foi negativa a primeira tentativa de solução apresentada pelos dirigentes da revolta. Com o total desconhecimento da massa rebelde, essas lideranças iniciam negociações visando ao armistício. Oferecem a rendição total em troca da paz, ou seja, o retorno da massa negra ao eito das senzalas como escravos. Pedem em troca o perdão, a anistia, para cerca de quatrocentos líderes. Toussaint participa das negociações como emissário dessas lideranças. Mas o ódio dos fazendeiros era tal que a Assembléia colonial, através de seus representantes, tripudia sobre o pleito dos rebeldes arrependidos. Não lhes concede nem o privilégio das negociações diretas. Só trata com os rebeldes através de interme-

diários mulatos. Querem ganhar tempo até que possam invadir os redutos revoltosos e destruí-los. Pensam repetir os generais romanos quando da insurreição de Spartacus.

É no decorrer dessas negociações que Toussaint L'Ouverture, enxergando claramente o crime prestes a ser perpetrado não apenas contra esse povo, mas contra a humanidade, contra a Revolução, formula as palavras de ordem que o levarão à dimensão de herói, criador da nação e esteio de sua independência: "Liberdade total para todos, a ser alcançada e assegurada pela força". Interrompe as negociações com os intermediários mulatos e retorna às bases. Sem lutas internas, assume o posto de 'general-brigadeiro' e começa a organização da massa escrava, agora como um exército, raiz de uma nação. E um exército trabalha e luta. Do ponto de vista simbólico, fora vencida a primeira fase da luta dos escravos, a da redignificação do trabalho.

É a partir da prisão e execução em 1793 do monarca Luís XVI, pertencente a uma das mais influentes dinastias da Europa, e da conseqüente invasão da ilha de São Domingos pelo exército inglês (60 mil homens), que se desfaz entre os coloniais franceses de São Domingos qualquer noção de pertinência a uma ordem institucional francesa. Que se considere inexistente qualquer impulso republicano organizado. A Assembléia colonial chega ao ponto de negociar a vinculação da ilha à Inglaterra. É nesse contexto que o governo espanhol, dinasticamente mobilizado contra os revoltosos de Paris, oferece aliança a Toussaint e seus exércitos, concedendo-lhe o título de coronel. É assim, sob a bandeira da realeza espanhola (e dos emigrados), que Toussaint em alguns meses conquistará quase toda a ilha.

Numa manobra de mestre, a Convenção ratifica em 1794 a abolição da escravidão em todo o mundo francês. O ato visa a anular a ação das potências rivais, Inglaterra e Espanha, ocupantes da ilha. De escravo rebelde e inimigo da França, Toussaint e seus exércitos, de uma hora para outra, tornam-se patriotas em luta pela expulsão dos 60 mil soldados ingleses. Com a coalizão formada contra essa invasão tem início simbólico a fase de construção da nação pela reu-

nião dos segmentos de base, negros, brancos e mulatos, cuja primeira etapa conclui-se em 1799, quando Toussaint é elevado ao posto de governador da ilha. Mas a partir desse momento, o fator que desanda, dá para trás, é o movimento revolucionário na França. À fase da Convenção e da Primeira República (1792-1795), sucederá o período do Diretório (1795 – 1799), o do Consulado (1799 – 1804), enfim, a era napoleônica, sepulcro da Revolução.

## **Um novo contexto na Europa**

Em 1802, Napoleão, através do Tratado de Amiens, estabelece um quadro de equilíbrio na Europa, que lhe proporcionará tempo e recursos com que tentar reerguer o mundo colonial. Nessa linha estratégica, a escravidão é legalmente restabelecida. Há intensa ação de bastidores em que através de correspondência e de emissários Toussaint tenta mostrar ao general corso os efeitos negativos de uma reversão aos quadros do antigo regime. No curso dessas negociações, Napoleão apresta um exército de 28 mil homens cuja missão é restaurar a antiga ordem na colônia rebelde. Reinicia-se a luta. Inflamados pelo repúdio a um retorno da escravidão, cresce o moral dos exércitos de Toussaint L'Ouverture. Em resumo, graças à ação devastadora da febre amarela e demais endemias ditas tropicais, em menos de dois anos o exército de Leclerc, que se elevou a 43 mil homens no início da invasão, reduz-se a menos de 200 homens. Essa derrota arrasa Napoleão. Como de costume, a frustração diante de um desastre sempre encontra o ódio pessoal como canal. Toussaint, governador vitorioso da ilha, é oficialmente convocado a Paris. Ao chegar, aí será preso, logo após libertado, para ser novamente preso, dessa vez até que morra alguns meses depois (1803) em função de maus tratos: é aprisionado nos Alpes e deixado sem meios de se defender do frio.

## **Antecipando à doutrina Monroe de 1823: a América para os americanos**

A mais significativa consequência do encarceramento e morte de Toussaint L'Ouverture é a entrada ostensiva dos Estados Unidos nos eventos políticos da ilha, então abrindo linhas de apoio maciço aos rebeldes. Segundo a visão do Estado norte-americano, a força bélica de uma França pós-revolucionária sob o mando pessoal de um general guerreiro, traria o foco das atenções para a Louisiana e para o Canadá.

Com a ajuda norte-americana, define-se o quadro de luta na Ilha. Em 1804, o Haiti proclama sua independência sob o poder de outro ex-escravo, Jean-Jacques Dessalines, o qual, repetindo Napoleão, declarar-se-á imperador. Todavia, a instabilidade política e a fraqueza estrutural da nova nação responderão pelo assassinato desse imperador em 1806.

## **Os cem anos da Pax Britannica**

Preso e morto Napoleão, de 1815 a 1914 o mundo redefine-se em função de um ímpar e assimétrico poderio inglês e sob as determinações do Congresso de Viena, o Consenso de Washington de então. Durante esses glorificados cem anos de paz na Europa, o progresso e o refinamento civilizatório habitarão pequena fração das sociedades europeias hegemônicas, cujo símbolo será Viena e sua corte. Em contrapartida, os povos africanos, asiáticos e latino-americanos sofrerão na pele o jugo de uma exploração inaudita – a da fase industrial do imperialismo. Que se diga apenas que o Congo dito belga, praticamente um terço do território brasileiro, era propriedade particular de um homem, Leopoldo II, rei da Bélgica, país recém-formado ao norte da França. O imenso e riquíssimo território africano lhe fora reconhecido como propriedade particular no curso de uma conferência em Berlim em 1885<sup>3</sup>. Num mundo como esse, não será invejável a vida de uma República de ex-escravos.

---

<sup>3</sup> The Columbia Encyclopedia, direção de Paul Lagassé, Columbia University Press, 2000.

Com a independência, as trágicas especificidades haitianas assumem o primeiro plano: as contradições dos resquícios de escravidão negra numa nação negra, a polarização dos negros e dos mulatos, o quadro de hostilidades envolvendo a França, a ancestralidade africana e a europeia. Assim, em seguida ao assassinato de Dessalines, o Haiti se divide entre o norte negro, sob o poder nominal do imperador Henry Christophe, e o sul mulato sob o poder de Alexandre Petion, proclamado presidente da República.

Em 1809 a Espanha reconquista a parte oriental da ilha, iniciando-se um aberto clima de hostilidades contra a outra seção territorial, o Haiti. Em 1822, porém, este volta a assumir o controle de toda a ilha, sem contudo conseguir neutralizar focos de resistência por parte de descendentes de espanhóis. A reunificação ocorre sob a liderança de Jean Pierre Boyer. Para ampliar laços de solidariedade internacional – tentando superar o drama da rejeição, por parte da Europa imperialista, a essa nação afro-americana, Jean Pierre Boyer se submete aos termos de um acordo ditado pelos banqueiros da época: pagamento de indenizações aos latifundiários franceses expropriados nas lutas pela independência entre 1791 e 1804. Só assim a França reconheceria a independência do país, evento que só ocorrerá em 1838, 34 anos após a declaração haitiana. A imensa dívida pública contraída com a execução dessa política leva o Haiti à insolvência crônica. Nem a Alemanha derrotada na Primeira Guerra Mundial teve tratamento tão severo. Traduzamos parágrafo de Jean-Michel Caroit<sup>4</sup>:

*As negociações prosseguem entre Carlos X e o presidente Jean-Pierre Boyer, que aceita, sob a ameaça de uma esquadra, a nota de débito que fixa a indenização em 150 milhões de francos-ouro. Em 1838, a França reconhece a independência do Haiti. Renegociada para 90 milhões de francos-ouro, a indenização será integralmente paga pelo*

---

<sup>4</sup> Caroit, Jean-Michel, Haiti, deux siècles de tumultes, *Le monde*, ed. de 29 fevereiro, 1. de março de 2004.

*Haiti, que efetuará o último pagamento em 1883. É a título de reembolso desta dívida da independência que Jean Bertrand Aristide lançou em 2003 uma campanha exigindo a devolução pela França de US\$ 21.685.135.571,48, equivalentes, segundo seus cálculos, ao valor capitalizado dos 90 milhões de francos-ouro pagos pelo Haiti”.*

Em 1843 Boyer é forçado a exilar-se deixando o Haiti em situação de terra arrasada. Tendo em vista o contexto caótico, nesse ano de 1843 focos de resistência *criolla* (de descendência espanhola) declaram a ilha constituída por mais um Estado: a República Dominicana. Observe-se que em 1861 este país solicitará reincorporação ao mundo colonial espanhol, o que redundará em mais uma fonte de frustrações. Em 1865 a República Dominicana volta a declarar-se independente.

No Haiti, após quatro anos de instabilidade, em 1847 sobe ao poder o último imperador, Faustin Soulouque, que governará o país até 1859. A República do Haiti nasce neste ano de 1859, também marcada pelas trágicas especificidades dessa nação. Aqui, diferente de alhures onde a vida política se organiza em torno dos partidos *Blanco* e *Colorado*, a vida política vai se polarizar entre negros e mulatos.

## **Chega-se ao século 20**

Rachaduras no quadro geopolítico internacional inerentes à Primeira Guerra Mundial têm imediata repercussão no instável arranjo da política interna haitiana. Temendo que a Alemanha venha a invadir o Haiti, os Estados Unidos o fazem em 1915. Como entre as desculpas estão as dívidas haitianas junto a Washington, negocia-se um acordo pelo qual o Haiti aceita a ocupação, recupera algumas instituições de país soberano, mas perde outras, inclusive o controle de sua alfândega. Seguindo marcha estratégica adrede esquematizada, em 1917 os EUA impõem ao país poder militar ostensivo, tropa de ocupação, dissolvendo o congresso e outorgando nova constituição.

Durante as próximas duas décadas essa tropa de ocupação será o poder de fato no Haiti. Em 1934, diante de pressões externas os

EUA colocam títeres à testa do executivo, esquema que durará até 1947. Lembrando-nos que a ocupação militar norte-americana é de 1917, podemos concluir que o saldo de três décadas de poder marcial e ditatorial é negativo como cumprir ser aqui ontem ou hoje no Iraque. Agravam-se as limitações estruturais do Haiti. Em colisão com os princípios democráticos e da autodeterminação dos povos, todos já sabemos o que esperar da ocupação militar de um poder alienígena.

Em 1957 o médico François Duvalier, o 'papai doutor' (*papa doc*), elege-se presidente da República por um período de 6 anos. Já está cinzelado ou esculpido na cabeça dos membros das elites o molde a ser seguido no exercício de poder: assassinado o 'ditador de plantão', cumpre ao substituto ampliar sua guarda pessoal, declarando-se, ora herdeiro e continuador de *Toussaint*, ora carrasco e justiceiro frente a quem quer que tente tomar-lhe o lugar. Com uma polícia ubíqua e paradoxalmente secreta, Duvalier inicia, principalmente a partir de 1964 quando se torna 'presidente vitalício', a série de ações que vão caracterizar sua era: execuções em massa, expurgos permanentes, censura absoluta, toque de recolher. Em 1971 à beira da morte, 'ato legislativo' torna seu poder hereditário. Jean Claude Duvalier assume, seguindo à risca as pegadas do pai. Em 1986, após meses de protestos, abandona o poder exilando-se em Paris.

Em setembro de 1991, Jean Bertrand Aristide é levado ao poder, de onde será 'defenestrado' nove meses depois. Instaura-se nova ditadura militar. Logo em seqüência, em resposta a indicadores de envolvimento entre esse governo militar haitiano e os cartéis da droga, a OEA, os EUA e a ONU estabelecem política de isolamento a partir dos embargos comerciais, culminando com a autorização pela ONU quanto ao uso da força para pôr fim ao governo de exceção.

Em setembro de 1994, diante de ameaça de invasão iminente por parte dos *marines*, os militares negociam a cessão do poder, promovendo anistia de que são os principais beneficiários.

Jean Bertrand Aristide é reempossado como presidente em 15 de outubro desse mesmo ano de 1994. Convocadas eleições para

dezembro, René Préval vence o pleito. Em abril de 1996 o grosso das tropas norte-americanas deixam o país. Mas já se instaurara quadro de crise institucional. Préval começara a governar por decretos. É quando têm início as ações que resultam na volta de Aristides ao poder, agora amparado pela força que o defenestrou em 1992 e que ainda o 'redefenestrará' em 2004, dessa vez numa operação de seqüestro que chocou o mundo...

## Referências bibliográficas

- Debray, Régis, Le rapport Debray sur la France et Haiti, *Le monde*, edição de 29-02 e 1-03-2004, p.13.
- Beard, J. R., *Toussaint L'Ouverture: a biography and autobiography (1863)*, edição eletrônica em: <http://docsouth.unc.edu/beard63/beard63.html>
- Caroit, Jean-Michel, Haiti, deux siècles de tumultes, *Le monde*, edição de 29-02 e 1-03-2004, p. 12.
- James, C. L. R. *Os jacobinos negros – Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*, trad. de Afonso Teixeira Filho, São Paulo, Boitempo Editorial, 2000, 398 p.
- Lagassé, P., edit. *The Columbia Encyclopedia*, 6ª. ed., Columbia University Press, Columbia, 2000.
- Isaac, J., Alba, A., et Pouthas, Ch. H., *L'époque révolutionnaire, 1789-1851*, Paris, Hachete, 1950, 660 p.
- Instituto del Tercer Mondo, *Guía del mundo, 1997-1998, visión desde el sur*, México DF, 603 p.
- Mathiez, A. *Revolución francesa – la Gironda et la Montagne*, v.2, Paris, Librairie Armand Colin, 1924, 222 p.